

Cássio Consolação - Além do Silêncio

2

Além do Silêncio

Cássio Murilo Consolação

© 2025 Cássio Consolação

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outro — sem permissão por escrito do autor.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é mera coincidência.

□ **Dedicatória**

À minha filha, Inês Consolação, por me incentivar; às minhas famílias do Brasil e de Portugal, e aos meus amigos, por me apoiarem neste projeto.

□ **Agradecimentos**

Agradeço a todos que, de perto ou de longe, me apoiaram nesta jornada silenciosa de palavras e descobertas. Cada gesto, cada palavra de encorajamento foi fundamental para que este livro ganhasse vida.

□ **Epígrafe**

“No que diz respeito ao empenho, ao compromisso, ao esforço, à dedicação, não existe

meio termo. Ou você faz uma coisa bem feita ou não faz.” — Ayrton Senna

Sobre o autor

Cássio Consolação nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, no dia 7 de maio de 1968. Apaixonado por palavras, encontrou na escrita uma forma de dar voz ao que o silêncio guarda. Fã de esportes, especialmente Fórmula 1 e MotoGP, tem uma admiração especial por Ayrton Senna, cuja trajetória inspira perseverança e paixão. *Além do Silêncio* nasceu de um momento único de inspiração, em que sentiu um arrepio profundo e a sensação de um toque espiritual que guiou cada palavra escrita. Quando não está escrevendo, dedica-se à família, à leitura e aos pequenos prazeres do cotidiano. Este é seu primeiro livro publicado.

Prefácio

Escrever é um ato de coragem. É mergulhar no fundo de si mesmo, tocar memórias adormecidas, sentimentos escondidos, e trazer à luz aquilo que muitas vezes nem sabemos nomear. *Além do Silêncio* nasceu desse mergulho.

Este livro não foi escrito apenas com palavras, mas com alma. Cada página carrega pedaços de emoções, lembranças e reflexões que, um dia, pediram espaço para existir. Ao longo desta jornada, o autor contou com o incentivo da filha, Inês Consolação, e o apoio das famílias do Brasil e de Portugal, que foram fundamentais para que esta obra ganhasse vida.

Há livros que gritam, há livros que sussurram — *Além do Silêncio* escolhe a terceira via: ele escuta. Ele convida o leitor a pausar, refletir e encontrar, nos intervalos das palavras, as respostas que o coração procura.

Que este livro toque você com a mesma força com que nasceu: como um arrepio, como um sopro espiritual, como um

chamado sutil para olhar para dentro. Porque, às vezes, o mais importante não está no que dizemos — está no que sentimos, além do silêncio.

Índice — *Além do Silêncio*

- 1. Prólogo**
- 2. O Eco da Ausência**
- 3. Vozes na Sombra**
- 4. Fragmentos de Memória**
- 5. Entre Quatro Paredes**
- 6. As Palavras Que Não Disse**
- 7. Quando o Silêncio Grita**
- 8. Rastros no Vento**

9. No Limiar da Madrugada

10. Segredos Velados

11. Ecos do Passado

12. Entre Ruínas e Esperanças

13. Um Sussurro de Luz

14. O Peso das Promessas

15. Um Nome no Escuro

16. Desencontros

17. O Som da Liberdade

18. Sob a Pele do Medo

19. Além do Silêncio

Capítulo 1 – Entre o Sertão e o Silêncio

O sol já começava a escaldar as ruas de terra quando eu acordei, sentindo o peso no peito. Era mais um dia igual aos outros, mas algo em mim mudou desde o dia em que ele partiu. Meu nome é Maria — tenho 32 anos, nasci e cresci numa casa de taipa no sertão da Bahia — e, desde que Andreas nos deixou, vivo num silêncio ainda maior do que aquele que envolve minha filha, Ana Clara.

Ana Clara tem seis anos e é como eu: nascida e moldada por esse chão seco, mas, ao contrário de mim, não fala. Seus olhos escuros, profundos como duas jabuticabeiras à noite, brilham quando querem dizer alguma coisa; o resto do tempo, ela observa o mundo em silêncio. Gestos, sons e movimentos repetitivos são a sua língua. Num dia bom, sente a mão na minha e esboça um sorriso lento, um sorriso que chega aos olhos como um sopro de céu no deserto. Em dias difíceis, o choro não vem em lágrimas, mas num grito que ecoa pela casa de telha de cerâmica e desabafa num turbilhão de balançar-se para frente e para trás, coberta pelas cobertas que uso para aquecê-la.

A vida era mais simples quando estávamos os três. Andreas trabalhava na construção civil em Salvador — mandava parte do salário para casa e vinha nos fins de semana. Quando ele descobriu que Ana Clara não falava e não reagia às tentativas de terapia, começou a reclamar de “diferenças” demais. Eu implorei por paciência e pela chance de provar que o amor dela não precisava de palavras. Mas palavras foram as que ele usou quando disse, num sábado à tarde:

— Maria, eu não aguento conviver com tudo isso. Ela é linda, mas eu não sei lidar com... isso.

Pegou uma sacola, colocou algumas roupas dele, beijou minha testa, virou-se e foi embora. Atrás dele, só ficou o eco da porta batendo. Fechei os olhos e, por um segundo, achei que fosse desmaiar. Quando os abri, Ana Clara olhava para mim com curiosidade, como se perguntasse: “Cadê o papai?”. Sorri, forcinha de mãe, estendi a mão: “Vem cá, meu amor.”

Desde então, somos só nós duas. E o sertão.

A Rotina e os Preconceitos

Moro numa rua sem nome do povoado de Santana do Jacaré, onde a vida cresce devagar, feito raiz que rompe a terra quente. A casa de taipa é simples: sala que serve de quarto, cozinha-

forno que serve de sala, um quintal de terra batida onde banho de mangueira traz mais alívio que chuveiro. Não temos carro — só um velho carrinho de mão para levar água até a casa.

Todas as manhãs, acordo antes do galo. Tomo café de rapadura e café preto, jogo uma peneira de farinha de mandioca na tigela, deixo uma parte para Ana Clara, que come de joelhos, pegando com as mãos e espalhando pelos dedos. Ela gosta de sentir o farelo grosso, a textura diferente. Depois, trocamos olhares, e eu a pego no colo, levo até a varanda e deixo o vento tocar seus cabelos curtos, raros.

Saímos para a escola especial — longe, num centro de apoio em Feira de Santana — duas vezes por semana. É uma viagem de ônibus que leva quase três horas, entre sacolejos e sol forte batendo no vidro. Nas outras manhãs, fico em casa, cozinhando angu ou macarronada para o almoço, enquanto ela explora caixas velhas de papelão, fita crepe e panelas enferrujadas como se fossem brinquedos caros.

À tarde, fecho as portas e limito o sol na casa. Ana Clara costuma entrar em crise quando o barulho da serra elétrica na casa ao lado invade o quintal ou quando o sino da igreja repica sem aviso. Então canto uma cantiga de ninar lenta, pego algodão e água filtrada para molhar sua testa. Ela se acalma, encosta no meu colo e adormece num cochilo tranquilo.

Mas quando saio sozinha — para buscar mantimentos ou remédios — sinto o olhar da vizinhança me seguir. Há quem cochiche: “Coitada, essa menina não fala, não anda...” Outros ainda me dão “conselhos”: “Tenta medicina alternativa”, “Já procurou santo?”, “Por que não deixa ela no abrigo?”. Respondo com um sorriso cansado: “Ela é minha filha. Vou com ela até o fim.”

O Amor Sem Palavras

Amar Ana Clara é aprender a escutar o silêncio. Ela não forma palavras, mas tem um vocabulário de gestos e sons: um rosnado baixo quando está desnorteada; um risinho abafado quando gosta de algo; um bater de palmas ritmado quando está contente. Aprendi a antecipar seus desejos: pôr a musicoterapia — seus fones de ouvido com músicas de pássaros, harpa ou mar — antes de sair de casa; dar água com canudinho quando o calor aperta; oferecer frutas picadas em cubos para ela mordiscar, porque a textura macia a acalma.

No quarto escuro, onde ajusto a intensidade da luz para que o frio branco não incomode seus olhos, registro cada progresso no caderno: balanceou-se só com a mão esquerda hoje, desenhou um círculo no ar; ficou cinco minutos sem crise;